

LEITURA

Nem on-line nem off-line: só o real

A popularização da tecnologia digital móvel contribui para diminuir as diferenças entre os universos real e virtual

IRACEMA SALES
Repórter

A divisão entre os mundos on-line e off-line é cada vez mais tênue. O veredicto é dado pelo filósofo estoniano Rein Raud, pensamento compartilhado com sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) no livro “A individualidade numa época de incertezas” (Zahar, 192 páginas, R\$ 59,90).

Enquanto Bauman defende a existência de dois universos, cada um com suas regras e seus códigos de comportamento, Raud é incisivo ao assegurar que as fronteiras entre as vidas on-line e off-line estão ficando cada vez mais nebulosas diante das invenções tecnológicas, de modo que o mundo poderá ser nem uma coisa nem outra. A incerteza em torno desses dois universos é traduzida na visão de alguém atravessando a rua e digitando ao mesmo tempo.

Escrita a quatro mãos, a publicação foi lançada em 2015 e chega agora ao Brasil, fruto de um diálogo eletrônico, via e-mail. A intenção dos dois estudiosos, que recorrem aos campos da sociologia, filosofia, psicologia, história da arte e literatura, é investigar as posições do “self” no mundo contemporâneo. O pensamento ocidental percorreu um longo caminho para refutar a ideia de indivíduo “único, indivisível, autossuficiente e autocontrolável”, observa Raud, em bate-papo insti-

gante com o sociólogo polonês, morto no ano passado.

O livro serve para mostrar a importância da diversidade na produção do conhecimento, qualidade que pode ser cultivada mesmo quando a conversa não acontece face a face, ou seja, mediada por meios digitais. Como um desafio lançado, os pensadores constroem seus conceitos, defendem posições, convergindo, divergindo e compartilhando pontos de vista sobre os temas abordados na obra, dividida em seis partes.

15 minutos de fama

Raud adverte que “a internet substituiu deus no século XXI, e não no sentido trivial de saber tudo, o que não é o caso. A mesma sensação de um religioso quando não cumpre com seus rituais com regularidade é sentida por alguém que não consegue começar o dia sem checar suas contas de e-mail e Facebook”, confronta.

Bauman rebate, ao assegurar que “nessa história, a migração maciça de almas, se não de corpos, do mundo ‘off-line’ para as terras recém-descobertas do ‘on-line’ pode ser vista como o último e mais decisivo de seus numerosos recontros e avanços; afinal, a recente batalha em curso está sendo travada no campo das relações inter-humanas – território até então muito resistente e desafiador a qualquer tentativa de suavizar suas estradas esburacadas e alinha seus trechos tortuosos”, escreve.

Prontamente, seu interlocutor responde: “O que se substitui não é o mundo verdadeiro, juntamente com seus proble-

mas, mas meus desejos. O desejo é uma planta, não uma semente. Tem de crescer”.

O sociólogo polonês define a internet como bênção e maldição combinadas e tornadas inseparáveis. No Facebook, pondera, não é preciso sentir-se só ou jogado fora, descartado, eliminado – abandonado ao próprio sofrimento e tendo o próprio “self” como companhia. Sempre existe alguém, em qualquer parte do mundo, disposto a receber uma mensagem e até respondê-la ou acusar o recebimento.

“Graças à internet, todos têm tido a chance de usufruir os proverbiais quinze minutos de fama – e de renovar a esperança de atingir o status de celebridade pública”. Bauman lembra viciados da internet, devido ao tempo excessivo diante da tela, citando a síndrome do “polegar BlackBerry”. No entanto, responde a Raud que a internet não é causa da doença, mas sintoma. “Sou aquilo que posto, mas posso editar meus posts o tem-

po todo”, acrescenta, ressaltando a liberdade que o usuário tem de abandonar quando quiser essa bolha, chamada por Bauman de “câmaras de eco”, congregam aqueles que pensam igual. No entanto, oferece a liberdade de abandonar esse mecanismo e criar outro, basta não estar mais satisfeito com o resultado.

“Mas se posso editar e eliminar todas as minhas imperfeições em vez de trabalhar para resolvê-las, onde é que tudo isso me deixa?, questiona, identificando como problema a facilidade de abandonar esses ambientes.

Estruturação do “self”

A construção da individualidade ou “self” dos habitantes do “mundo líquido moderno” constitui o principal assunto a perpassar as 192 páginas do livro, que aborda, ainda, o uso da tecnologia da informação (TI). A estruturação da identidade está inserida no contexto de um “mundo multifacetado, desregulado, fragmentado e

Escrita a quatro mãos, a publicação foi lançada em 2015 e chega agora ao Brasil, fruto de um diálogo eletrônico, via e-mail

fluido, de vidas igualmente fragmentadas e desreguladas”, assinala Bauman, invocando o teórico canadense Marshal McLunhan (1911-1980), para justificar que a nova mídia constitui uma nova mensagem. “Nossas horas de vigília agora se dividem entre os domínios do ‘on-line’ e do ‘off-line’, com a parcela do primeiro crescendo constantemente à custa do segundo”.

O cerne da discussão é pesquisar como a individualidade surge e, mais, buscar a relação que a construção do “self” mantém com o período histórico-cultural, recebendo influências de fatores internos e exter-

nos. Um dos questionamentos diz respeito ao uso da nova tecnologia, isto é, se seria capaz de garantir mais autonomia ou implicar na redução da liberdade dos seres humanos.

O ponto de partida dos pensadores é o conceito de “individualização”, que continua pertinente ao tempo atual, cujas mudanças acontecem cada vez mais rápido. Bauman revisita estudos e conceitos anteriores, reafirmando sua posição de sociólogo, ao travar conversa que passeia por diversas áreas do conhecimento e tempos históricos, com foco na modernidade, um dos seus objetos de estudo.

Mouse como arma

Porém, a abordagem de ambos centra-se no aspecto subjetivo da tecnologia da informação ao virar de ponta-cabeça a vida das pessoas nessa primeira metade do século XXI, seja de anônimos ou de celebridades. Bauman alerta para o poder que a pessoa adquire ao se “armar de um mouse”.

O autor compara o comportamento de um internauta navegando na rede mundial de computadores a uma criança perdida numa loja de doces, já que se sente no controle total e absoluto de seus contatos sociais. O mundo real, formado por insegurança, carência afetiva, medo e infelicidade, parece desaparecer, sendo substituído por outro de possibilidades múltiplas.

Nesse contexto, Bauman e Raud discorrem sobre a individualidade, analisada à luz de diversas épocas, buscando entender as interseções com a linguagem, meio ambiente, bem como a interação com os outros. “Cada um de nós – vivemos agora, de modo intermitente mas muitas vezes si-

multâneo, em dois universos absolutamente distintos: on-line e off-line. Este último é muitas vezes chamado de mundo real, embora determinar se esse rótulo é mais adequado que o primeiro venha se tornando mais discutível cada dia que passa”, escreve o autor de “Vida em fragmentos”.

No primeiro mundo, no qual cabem avatares e selfies retocadas, é possível construir um nicho de paredes impermeáveis, algo inconcebível no universo off-line, e sentir-se livre e seguro nesse abrigo.

“Sinto-me plena e verdadeiramente no controle da escolha do self, com sua parafernália, sua apresentação e aceitação. E posso conseguir esse efeito com o simples recurso de teciar um delete ou escape”, arremata. Critica o ambiente “desinfetado e higienizado” da internet, que cria uma versão aperfeiçoada dos condomínios fechados.

“Ao contrário de seu equivalente off-line, ela não cobra de seus residentes uma taxa exorbitante, nem precisa de guardas armados e sofisticadas redes de TV em circuito fechado; tudo que necessita é da tecla deletar”, pontua Bauman.

Detentor de pensamento contundente e marcado pela lucidez, considerado pessimista por alguns, Bauman põe em xeque o mito da visão herdada da individualidade. Para ele – pensamento compartilhado por Raud –, a tecnologia faz parte do “self” da sociedade contemporânea, cujos protagonistas estão imunes à solidão existencial.

Ancorados em redes sociais, fazem parte de grupos que podem ficar apenas no universo on-line, ou seja, no campo do simulacro, reportando-se e ao filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007).

“Self” e consumo

Num ponto o sociólogo polonês concorda com Raud, ao defender que cada período histórico constrói o seu “self”, ou seja, sua individualização. A modernidade criou o seu, caracterizado pelo indivíduo basicamente racional, apostando na singularidade da pessoa, no controle de suas ações e responsável por elas, sendo capaz de associar-se a comunidades e causas mais amplas ou delas se dissociar, escreve o filósofo estoniano.

O “self” pode ser alterado pelo consumo, argumenta, explicando que ele deixa de ser apenas a satisfação das necessidades das pessoas, sejam reais ou imaginárias, entrando no campo do simbólico, bastante enfatizado pela publicidade. Hoje, as celebridades da internet também fazem parte do jogo.

Em discurso marcado pela erudição, mas sem perder de vista o tom de conversa informal, aos poucos, Bauman e Raud mostram pontos convergentes – entre eles a ideia de que os mundos on-line e off-line encontram-se na mesma esfera: a realidade.

Raud chama a atenção para as relações entre “self”, tempo e linguagem, criando espaço para o diálogo, que pressupõe pensamentos diferentes. Caso contrário, vira gueto ou seita.

“A grande questão que eu creio ser da maior importância na atual coexistência indefinida e subdeterminada de selves independentes de variadas identidades e o das condições sociais que favorecem esse diálogo versus seus opostos – os ambientes sociais que nos estimulam a evitá-lo. A tentação de recorrer à construção de câmaras de eco sui generis (conversas em que o único som que se ouve são os ecos da própria voz) ou a salas de espelhos (em que as únicas visões que temos são reflexos de nosso próprio rosto) parece ser cada vez mais comum”, sintetiza Bauman.



"A mesma sensação de um religioso quando não cumpre com seus rituais com regularidade é sentida por alguém que não consegue começar o dia sem checar suas contas de e-mail e Facebook", confronta Rein Raud